

# MÚSICA E ENSINO: ANÁLISE DO VERBO NO GÊNERO LETRA DE MÚSICA À LUZ DE UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA

Maria do Carmo Ramos da Silva(SEE-PE)  
mdcramoss@gmail.com

Joelma Xavier Sousa Bandeira(EAD-UFPB)  
mis\_joelma@yahoo.com.br

Julia Cristina de L. Costa(PROLING-UFPB)  
Juliacosta2012@gmail.com

## Considerações introdutórias

O Ensino de Língua nos níveis Fundamental e Médio é sempre motivo de análise e discussão entre os estudiosos da linguagem. Apesar de tantos estudos e das novas ideias desenvolvidas com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), parece que o ensino de gramática ainda prevalece em detrimento do ensino de língua.

Nesse artigo, especificamente, tencionamos analisar o efeito de sentido que as formas verbais podem assumir no gênero letra de música em: "O que é o que é?" de Gonzaguinha, através dos destaques das formas do verbo "ser", presentes nesse gênero. Assim sendo, pretendemos nessa pesquisa<sup>1</sup> propor o ensino das formas verbais numa perspectiva enunciativa da linguagem a partir do gênero letra de música. .

Para atingir esses objetivos, adotamos dois tipos de investigação: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Sendo assim, recorreremos às pressuposições teóricas desenvolvidas por Bakhtin/Volochinov<sup>2</sup> (1999) para quem a língua(gem) é dialógica em um processo de interação verbal, os estudos sobre gêneros discursivos e textuais e suas implicações e, nas concepções de gramática, de sujeito e de ensino de Geraldi (1996), Travaglia (2004, 2005) e Possenti (2000).

A apresentação desse artigo será disposta em quatro partes: na primeira apresentaremos as concepções de língua(gem) e de sujeito e de como essas concepções influenciam diretamente as enunciações dos sujeitos, nas diversas situações comunicativas. Na segunda, observaremos o que diferencia um ensino voltado para o uso efetivo da língua, em que os sujeitos se constituem e se constroem na e pela língua(gem), do ensino de gramática, em que o sujeito é assujeitado e tão somente utiliza-se das regras para expor seus pensamentos, mas de forma desassociada do contexto. Na terceira, discutiremos o conceito de Gênero e como o gênero discursivo letra de música pode ser visto de forma enunciativa e, além disso, auxiliar o professor numa perspectiva mais lúdica e prazerosa do ensino da gramática; Na quarta parte, apresentaremos a análise do verbo no gênero letra de música sob uma visão semântico-enunciativa na qual observaremos que a escolha de determinada forma e seu uso no texto, objeto de estudo da língua, pode e produz sentidos diversos do que simplesmente é mostrado na forma, ou seja, sentido que vai além da gramática e, para despertar isso no aluno é fundamental o conhecimento teórico, por parte do professor, tornando a aula

---

<sup>1</sup> .Vale ressaltar que para esse trabalho, fizemos um brevíssimo recorte teórico da nossa pesquisa concluída do mestrado, no entanto, utilizamos outro corpus e viés analítico.

<sup>2</sup> Como ainda não há um consenso a respeito da autoria da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, atribuída ora a M. Bakhtin, ora a V. N. Voloshinov, optamos por citar como Bakhtin/Voloshinov. Sobre essa polêmica, ler Faraco (2009).

evoluída, como também a língua evolui, em suas diversas possibilidades de uso dos gêneros discursivos.

Finalmente, apresentaremos as considerações com os resultados possíveis nesse estágio das análises. Propositamente brincaremos com o título das seções para darmos destaque ao nosso objeto de estudo.

## 1.O que é o que é, Língua(gem)?

Comunicar sempre foi algo inerente ao ser humano. Desde os tempos mais remotos, seja através de figuras rupestres, seja através de gestos, o homem buscou revelar suas emoções, suas intenções, seus desejos através da interação entre homem e sociedade, tornando-se participante dela pelo uso da linguagem. Com o passar dos tempos o homem foi evoluindo e, conseqüentemente, a linguagem também, comprovando que a língua não passa de geração a geração, mas: “a língua evolui de geração em geração” (BAKHTIN, 1999).

Desde a instituição da Linguística como ciência a partir das discussões de Saussure(1996) publicadas em seu Curso de Linguística Geral (CLG), que a resposta sobre o que é Língua(gem) tem se manifestado sob diversas perspectivas. Para compreendê-la, destacamos algumas concepções. Precisamos, no entanto, associá-la aos tipos de sujeitos que a realizam nas diversas situações comunicativas diárias, visto que essa ligação entre língua, sujeito e sociedade são indissociáveis. Vejamos o que nos diz Koch (2005, p.13-16) a este respeito:

[...] à concepção de língua como *representação do pensamento*, corresponde a de *sujeito psicológico*, individual, dono de sua vontade e de suas ações [...] um sujeito essencialmente histórico e social na medida em que se constrói em sociedade [...] um sujeito social, interativo, mas que detém o domínio de suas ações;  
À concepção de língua como *estrutura*, corresponde a de sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de uma “não consciência” [...] ele está inserido numa ideologia da qual é apenas porta-voz: é um discurso anterior que fala através dele;  
[...] à concepção de língua como *lugar de interação*, corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o *caráter ativo* dos sujeitos na produção mesma do social e da interação [...] os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

Assim sendo, no que concerne a primeira concepção de Linguagem, quando o sujeito não se comunica bem, é porque ele não pensa bem, visto que a linguagem é a expressão, a *representação do pensamento*. As palavras, estruturas frasais e os textos construídos por ele para expressar-se são traduções dos seus pensamentos. Nesse aspecto, a enunciação torna-se monológica, distante das circunstâncias que o processo enunciativo está inserido (TRAVAGLIA, 2005).

Nesta concepção, o que prevalece é a escrita “correta”, as normas do “bem falar e escrever” gerado por uma gramática a que denominamos de *Normativa ou Tradicional* advindas da Gramática Grega a qual considerava que o sujeito revelava conhecer uma língua se fosse capaz de expressar-se expondo o pensamento com coerência, mas sem que estabelecesse ligação alguma com o contexto, nem com o outro,

nem com a causa e o objetivo para o qual o discurso foi produzido. Interessava aqui “o certo” e “o errado”, não o adequado e o inadequado.

Atentando para a segunda concepção de *língua como estrutura*, corresponde ao sujeito que tão somente obedece às regras pré-estabelecidas, ou seja, ele não opta, simplesmente cumpre a lei. É *assujeitado*, escravo da própria língua. É a visão saussuriana a respeito da língua como um código que necessita de um emissor e de um receptor a fim de decodificá-la e, em que a estrutura prevalece e a escrita é privilegiada em detrimento da fala. Já a terceira concepção, *a língua como lugar de interação*, considera o sujeito que, não apenas recebe e envia mensagens, mas ao fazê-lo reflete e age sobre o outro. Assim, o sujeito que não só organiza o pensamento e o expõe, mas também aquele que constitui-se como tal, *(re) produzindo* o social na e pela linguagem, e na interação com o outro nos diversos contextos e situações comunicativas que lhe forem apresentados.

Desta forma compreendemos que é a partir do momento em que esse sujeito faz uso da língua(gem) para expressar seus sentimentos, emoções, opiniões, enfim, enunciar-se, que se marca a relação indissolúvel entre língua, sujeito e sociedade, comprovando as palavras ditas por Bakhtin (1999, p.96): *a língua no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida.*

## **2. O que é o que é, ensino de língua e ensino de gramática?**

O trabalho de ensino da língua materna é de total importância, porém a metodologia utilizada para se transmitir este conhecimento foi equivocada por um longo período de tempo na história acadêmica do país. A preocupação tanto por parte dos alunos quanto dos professores era com a gramática, como seria possível aos alunos aprendê-la e como, aos professores, ensiná-la. A visão sempre foi de uma gramática cheia de regras, enfadonha, difícil de aprender e de ser ensinada, ou seja, um desafio constante para os protagonistas do ensino e da aprendizagem.

Essa visão do ensino de gramática pelos alunos e professores avançou um pouco nas duas últimas décadas, mas ainda sofre o peso da tradição. Assim, os linguistas começaram a pensar em uma gramática que se exteriorizasse e dialogasse com os sujeitos e o mundo que os cercava para que o ensino, enfim, fosse proveitoso e eficaz, observando que a língua não é algo acabado, porém como já dissemos, *evolui de geração a geração* (BAKHTIN, 1999) em seus usos e espaços de uso, sobre esses aspectos, comenta Geraldini (1996, p.28) que:

O estudo e o ensino de uma língua não podem, nesse sentido, deixar de considerar – como se fossem não-pertinentes – as diferentes instâncias sociais, pois os processos interlocutivos se dão no interior das múltiplas e complexas instituições de uma dada formação social. A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente, vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido, a língua nunca pode ser estudada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de um lado porque sua “apreensão” demanda apreender no seu interior das marcas de sua exterioridade constitutiva ( e por isso o externo se internaliza), de outro lado porque o produto histórico – resultante do trabalho discursivo do passado – é hoje condição de produção do presente que, também se fazendo história, participa da construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção.

Nessa perspectiva, o que é gramática? Há várias significações para o termo gramática, porém destacaremos aqui três (gramática normativa, gramática descritiva e a gramática internalizada) que são bastante relevantes para compreensão da prática do professor: a Gramática Normativa, conjunto de regras que ditam o padrão do certo ou errado da língua culta para aqueles que desejam falar corretamente segundo estes padrões. A Gramática Descritiva descreve a estrutura e o funcionamento da língua, onde não há basicamente erros nem acertos, seu objetivo é atender às regras de funcionamento de acordo com determinada variedade linguística. Já a Gramática Internalizada, considera a língua como um conjunto de regras que o falante realmente aprendeu, apropriou-se e do qual se utiliza para falar. Nesta concepção não há erros nem acertos, mas a inadequação da variedade linguística num determinado momento de uso em situação de interação comunicativa.

Durante muito tempo a gramática normativa ditava as regras nas salas de aulas por todo o país, a preocupação maior era decorar ao invés de aprender, isto é, repetir para memorizar. Muitas vezes com castigos pesados como forma de punição para aqueles que não alcançassem o “nível de aprendizado”. A produção textual ou mesmo a leitura não eram vistas como parte integrante da gramática, mas o trabalho era realizado por blocos separadamente. Preocupados com isso e com o intuito de promover uma mudança nas práticas tradicionais vigentes até então, os linguistas propõem um redirecionamento no processo de ensino-aprendizagem da gramática. Esses não negam a necessidade de se trabalhar e ensinar a norma culta, nem esquecê-la de todo, porém apresentar ao aluno uma nova opção de uso da língua e de suas várias formas, oportunizando aos docentes contemplar a gramática na sua forma mais ampla, de modo que este compreenda que quando associamos o uso das formas gramaticais aos aspectos semântico-discursivos de interpretação e compreensão de textos, isso tornará o ensino mais dinâmico e prazeroso como sugere Travaglia (2005, p.236) quando diz que:

[...] trabalhando a gramática na perspectiva da interação comunicativa e do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, o professor consegue fazer uma real integração entre diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna: ensino de gramática, leitura (compreensão de textos), redação (produção de textos orais e escritos) e vocabulário, ao contrário da prática não textual em que eles são quase sempre estanques, sem qualquer inter-relação.

Neste sentido temos um trabalho com gramática que passa a fazer parte da construção de diversos textos nas mais variadas situações de interação comunicativa e não apenas uma gramática preocupada com regras e em decorá-las. É necessária a busca por uma prática de ensino produtiva e proativa para a aquisição de habilidades linguísticas onde o ensino da norma culta esteja presente, porém de maneira mais elaborada, mais adequada aos diferentes contextos e situações de uso.

Ao observar esta questão da gramática e de como se deve empregá-la, Possenti (2000) entende que a prioridade é o educando se tornar capaz de se expressar, nas mais variadas circunstâncias, segundo as necessidades e exigências que lhe forem apresentadas. Criando condições para que aluno aprenda e apreenda as variedades desconhecidas, partindo de um ensino que priorize *o conjunto de regras que o falante domine*, ou seja, do uso da língua.

O que na verdade é necessário ao aluno é fazer parte de um ensino produtivo, desenvolvendo sua competência comunicativa nos aspectos do domínio da norma culta

e da variante escrita. Para tanto, o professor poderia trabalhar a gramática de uma forma mais ampla numa perspectiva funcional do texto e do discurso, ou seja, *evidenciando que a gramática é a própria língua em uso*. (TRAVAGLIA, 2005, p.109).

Dessa forma, propomos trabalhar uma gramática que de fato tenha como objeto de estudo o que a língua sugere: o texto ou, mais precisamente, os gêneros discursivos diversos a fim de que o aluno conheça e reconheça a diversidade de usos da língua. Nesse contexto, selecionamos o gênero discursivo letra de música para nele observar o uso das formas verbais e os sentidos que estas podem apresentar nesse uso, é o que apresentaremos a seguir.

### **3. O que é o que é, gênero discursivo?**

O homem está cercado de inúmeras atividades na sociedade e dentre as quais encontramos a linguagem com a qual ele pode e utiliza para fins específicos de comunicação através de diversas formas de utilização dessa linguagem: os gêneros.

Dentre os pressupostos epistemológicos que integram a teoria referenciada como de autoria de Bakhtin e do Círculo, destacamos para essa discussão a teoria dos gêneros discursivos. Bakhtin (1992) define gênero como sendo *tipos relativamente estáveis de enunciados*, estes em seu pensamento, são relacionados com as várias atividades desenvolvidas no cotidiano da vida social de um determinado indivíduo e conseqüentemente na língua, levando em consideração que a linguagem é essencialmente social e histórica, os gêneros acontecem, portanto, na linguagem e por ela, isto é, na vida do falante.

Sendo assim, a proporção de variedades que essas atividades atingem na língua corresponde à diversidade de gêneros existentes, ou melhor: quanto maior as variedades das atividades humanas, maior a quantidade de gêneros existentes. Diante desse fenômeno da *heterogeneidade dos gêneros dos discursos (orais e escritos)*, Bakhtin (1992, p.282) propõe uma divisão binária dos gêneros em:

Primários (orais ou simples) corresponderiam a ações cotidianas como: o relato familiar, a carta, a ordem militar padronizada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais, o universo das declarações públicas.

Secundários (escritos ou complexos) referentes às variadas formas de exposição científica e todos os modos literários como: o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc.

É importante destacar que os gêneros secundários absorvem os gêneros primários no processo de formação destes, ou seja, em um texto teatral, por exemplo, podemos inserir um relato da vida familiar do autor. Compreendermos esta classificação e a inter-relação é fundamental para a elucidação da natureza do enunciado, visto que esta se dá pela análise dos gêneros primários e secundários na vida. Portanto, a relação dos *tipos relativamente estáveis de enunciados* com a vida e com a língua são indissolúveis. Segundo Bakhtin, “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (1992, p.282).

Deste modo, observamos os gêneros sendo trazidos para as diversas esferas da vida comprovados num cardápio, numa bula de remédio, numa propaganda em tantos outros textos que circulam no nosso dia a dia, como a letra de uma música.

No uso da língua, nas mais variadas situações de fala, também encontramos o individual, a singularidade, o estilo, ou seja, as formas típicas do enunciado – os gêneros do discurso. Desta forma, falando ou escrevendo nos utilizamos de gêneros, seja ele primário ou secundário, o indivíduo expressa sua individualidade, seu estilo, sua

forma particular nas diversas esferas da sociedade, conforme a exigência da comunicação humana dentro de uma função e/ou condição específicas ocorridas e são, exatamente, nessas esferas da comunicação verbal que os gêneros se realizam, são gerados: *um dado tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico* (BAKHTIN, 1992, p.286). Vejamos, então, a seguir, como os verbos, ou melhor, as formas verbais, podem, pelo uso no gênero letra de música, revelar sentidos ao serem enunciadas.

#### 4. Análise: O que é o que é, o verbo na letra da música?

O estudo do verbo, geralmente realizado de maneira muito estrutural e morfológico, tem dificultado muito a vida dos alunos e professores, apesar das novas e variadas concepções de língua(gem) e de gramática, como discutimos anteriormente, os livros didáticos ainda revelam esse aspecto, diferente do que sugere Bakhtin (1999, p.123) sobre essa abordagem do uso das formas e da enunciação:

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Assim, é fundamental que o professor se aproprie desse conhecimento lingüístico para que desenvolva um trabalho além da gramática, assim como *a língua evolui de geração a geração* (BAKHTIN, 1999), seja também a prática do professor, como apresentaremos através das discussões abaixo:

#### Letra da música<sup>3</sup>: O que é, o que é? (Gonzaguinha)

Eu fico com a pureza / Da resposta das crianças /  
É a vida, é bonita / E é bonita /  
Viver / E não ter a vergonha / De ser feliz /  
Cantar e cantar e cantar / A beleza de ser / Um eterno aprendiz  
Ah meu Deus! / Eu sei, eu sei / Que a vida devia ser / Bem melhor e será  
Mas isso não impede / Que eu repita / É bonita, é bonita / E é bonita!  
E a vida / E a vida o que é? / Diga lá, meu irmão  
Ela é a batida de um coração / Ela é uma doce ilusão / Hê! Hê!  
E a vida / Ela é maravilha ou é sofrimento? / Ela é alegria ou lamento? /  
O que é? O que é? / Meu irmão  
Há quem fale / Que a vida da gente / É um nada no mundo  
É uma gota, é um tempo / Que nem dá um segundo  
Há quem fale / Que é um divino / Mistério profundo /  
É o sopro do criador / Numa atitude repleta de amor  
Você diz que é luta e prazer / Ele diz que a vida é viver /  
Ela diz que melhor é morrer / Pois amada não é / E o verbo é sofrer

---

<sup>3</sup> Letra da música “O que é, o que é?” disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/>, acesso em 10 de set 2014.

Eu só sei que confio na moça / E na moça eu ponho a força da fé  
Somos nós que fazemos a vida / Como der, ou puder, ou quiser /  
Sempre desejada/ Por mais que esteja errada / Ninguém quer a morte / Só saúde e sorte  
E a pergunta roda / E a cabeça agita / Eu fico com a pureza / Da resposta das crianças /  
É a vida, é bonita / E é bonita / Viver ... E é bonita...

Ao observarmos o uso das formas verbais presentes na letra da música: *O que é o que é?* destacamos a presença do verbo “ser” em sua forma “é” em evidência na pergunta tão clara evocando outras vozes dos discursos presentes nas brincadeiras infantis cujo objetivo é adivinhar, decifrar o enigma, neste caso, a pergunta no título sugere decifrar a vida. Isso revela a ideia de que ao longo do texto a necessidade de responder a esta pergunta vai sendo mostrada verso a verso.

Partindo desse ponto, observamos que o texto inicia com uma das respostas “Eu fico com a pureza / Da resposta das crianças / É a vida, é bonita / E é bonita!” Nessa resposta aparece a declaração do sujeito criança diante de uma pergunta difícil para que ela responda enquanto tal. Porém, de forma simples e pueril, como “toda” criança, ao ser indagada pelo que pensa a respeito de algo de que gosta, responde: “é uma coisa bonita!” Logo, “é bonita” e “ser” bonita na visão infantil é sempre algo bom, divertido, pois quando uma criança não gosta de algo ela demonstra através de expressões como: “é feia”, “feio”.

Ao enunciar-se através das formas infinitivas: “viver, ter, e ser”, podemos perceber a definição da vida, do viver, que reside no dilema humano entre o “ter” e o “ser”: de que adianta “ter”, mas não “ser” feliz? De “não ter vergonha de ser”, de valoriza-se seja quem quer que seja? Essa valorização do ser é desenvolvida ao longo do texto, passo a passo vemos em destaque as diversas vezes em que surgem as formas enunciadas o verbo ser, demonstrando o quanto a palavra enunciada e contextualizada, distante de sua forma dicionarizada, ultrapassa os limites da gramática e reflete sentidos e vozes que permeiam o cotidiano na e pela linguagem, como ratifica Bakhtin (1999, p.92) sobre a importância da palavra na enunciação:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidades destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma lingüística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada.

“Ser feliz”, implica em “cantar e cantar e cantar”, não qualquer coisa, mas a beleza de “ser” feliz; a ação no infinitivo ratifica: quem busca felicidade, precisa perseverar em buscá-la, agindo constantemente (cantar) a beleza de “ser um eterno aprendiz”. Poderia ser aprender eternamente? Não. A ênfase é no sujeito que enuncia e é ele quem pode “ser” um eterno aprendiz.

Em: “Ah meu Deus! / Eu sei, eu sei / Que a vida *devia ser* / Bem melhor e *será*” destacam-se as formas do verbo saber (“sei”) no presente, que retrata ações

habituais em contraste com a dúvida na locução verbal “devia ser” e a certeza expressa no futuro do presente: “será” e essa certeza é reafirmada no enunciado “sei”: “Eu só sei que confio na moça / E na moça eu ponho a força da fé”: acreditando que a opção em “ser” feliz é acreditar que “será” pela “fé” de que todas as coisas boas virão, visto que viver, é melhor do que morrer: “Somos nós que fazemos a vida / Como der, ou puder, ou quiser / Sempre desejada / Por mais que esteja errada / Ninguém quer a morte / Só saúde e sorte”.

Vale destacar que o “erro” faz parte da vida e que não é, ou deve ser constante: ao escolher o enunciado “esteja” em lugar de “seja” reflete a realidade intrínseca ao verbo estar, de passageiro enquanto que “ser” é eterno, retrata a essência.

E do modo como começou e como é a vida terrena: nasce, cresce e morre, o texto repete e reproduz o discurso do ciclo valorativo da beleza de viver apontado do começo ao fim através do “ser” e seus enunciados diversos em suas diferentes formas aqui destacadas: E a pergunta roda / E a cabeça agita / Eu fico com a pureza / Da resposta das crianças / *É a vida, é bonita / E é bonita / Viver ... E é bonita*

Conforme exposto, pudemos verificar que apesar de não aparecerem exercícios nos livros didáticos que explorem as formas verbais nessa perspectiva semântico-enunciativa, é possível fazê-la a partir da observação e destaque dos usos das formas verbais seja do livro didático, seja do gênero letra de música ou de qualquer outro gênero discursivo que o professor se dispuser a compartilhar com seus alunos, ampliando, portanto, o conhecimento e, conseqüentemente, o uso da e sobre as formas verbais nas diferentes e inúmeras situações de comunicação que a língua oferece.

Passemos às considerações:

### **Considerações (quase) finais**

A proposta aqui apresentada para o ensino das formas verbais numa perspectiva semântico-enunciativa da linguagem a partir do gênero letra de música é relevante uma vez que ainda observamos o quanto os livros didáticos trabalham de forma estrutural os verbos, de modo monológico, ou melhor: a gramática pela gramática sem permitir ao aluno refletir sobre o sentido que podem as palavras revelar no uso diário em diferentes situações de comunicação e nas diferentes esferas sociais em que os sujeitos se constroem.

Destacamos que para realizar uma atividade como esta é fundamental que o professor tenha domínio da gramática da língua e das teorias que a ratificam; é essencial conhecer e aplicar o conhecimento linguístico, também, de modo interativo, fazendo uso efetivo da língua através do seu objeto, o texto, permitindo ao aluno utilizar-se das formas da língua, neste caso, o verbo, numa perspectiva enunciativa, crítico-reflexiva, lúdica e prazerosa, que o gênero letra de música propõe, visto que se faz presente nas diferentes esferas sociais nas quais a língua(gem) se realiza e *evolui de geração a geração* (BAKHTIN, 1999).

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes. 1992.



\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo, Hucitec.1999.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais / Ensino fundamental: terceiro e quarto Ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP, Mercado de Letras: Associação de Leituras do Brasil, 1996.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP:ALB: Mercado de Letras, 2000.

SAUSSURE F. *Curso de linguística geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 19ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática ensino plural*. 2. ed. – São Paulo, Cortez: 2004.

\_\_\_\_\_. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10. ed. - São Paulo, Cortez, 2005.